

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

JÉSSICA BORGES CALDEIRA

UBERLÂNDIA
2021

JÉSSICA BORGES CALDEIRA

MARANATA:

arte contemporânea, iconolatria e ocultação

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Artes Visuais como requisito
parcial para obtenção do grau Bacharel em
Artes Visuais pela Universidade Federal de
Uberlândia.

Orientador: Alexander Gaiotto Miyoshi

UBERLÂNDIA
2021

Banca de avaliação:

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi
IARTE UFU / Orientador

Dr. Marco Antônio Ramos Vieira
Curador e Pesquisador / Avaliador

Dr. Rodrigo da Silva Félix
Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia / Avaliador

Prof. Dra. Tatiana Sampaio Ferraz
IARTE UFU / Avaliadora

CALDEIRA, Jéssica Borges. **MARANATA**: arte contemporânea, iconolatria e ocultação. 2021. 52 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Curso de Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

RESUMO

O presente trabalho se constitui como um memorial sobre a concepção e realização da exposição "Maranata", além das narrativas e referências prévias a ela. O percurso, iniciado em vivências próprias, se mistura com personagens bíblicas e a simbologia de religiões de matriz cristã. Iconolatria e iconoclastia são forças constantes que atravessam minha subjetividade e culminam em obras onde a censura e o apagamento assolam as imagens, numa representação da ausência-presença que também vive em mim. Os símbolos, que são velados, ocultos ou faltantes, resistem nas obras, e tal qual Maria, tento me enxergar neste mundo do qual fui retirada ou ao qual nunca pertenci. Neste trabalho, os processos poéticos e práticos são descritos em detalhes, para que alguns véus se tornem menos opacos, abrindo o leque de interpretações da exposição.

Palavras-chave: religiosidade; arte contemporânea; iconolatria; ocultação; símbolos.

CALDEIRA, Jéssica Borges. **MARANATA**: contemporary art, iconolatrty and concealment. 2021. 52 p. Undergraduate thesis, Visual Arts Course, Institute of Arts, Federal University of Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, Brazil, 2021.

ABSTRACT

The present work is constituted as a memorial of the conception and construction of "Maranata", as well as the narratives and references that precede the exhibit. I've given a personal account of experiences that entail my own subjectivity and encompass the symbology of biblical characters and Christian-based religions. Iconolatrty and iconoclasm are constant forces that cross my identity and culminate in artworks where censorship and erasure plague the images, in a representation of the absence-presence that also lives in me. Symbols, which are veiled, hidden, or missing, resist in the works, and like Mary, I try to see myself in this world from which I've been removed or to which I've never truly belonged. In this work, the poetic and practical processes are described in detail, so that some veils become less opaque, broadening the range of interpretations for the exhibition.

Keywords: religiousness; contemporary art; iconolatrty; concealment; symbols.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	León Ferrari. La Civilización Occidental y Cristiana, 1965.....	12
FIGURA 2	Andres Serrano. Piss Christ, 1987.....	13
FIGURA 3	Chris Ofili. The Holy Virgin Mary, 1996.....	14
FIGURA 4	Edu de Barros. Santuário, 2020.....	16
FIGURA 5	Adriana Varejão. Proposta para uma catequese: morte e esquartejamento, 1993.....	17
FIGURA 6	Igreja Cristã Maranata. Entrada de uma das sedes da Igreja Cristã Maranata, 2021.....	18
FIGURA 7	Acervo pessoal. Aplicação da matéria sobre o suporte, 2021...	19
FIGURA 8	Acervo pessoal. Remoção das contas de madeira com alicate, 2021.....	21
FIGURA 9	Acervo pessoal. Serragem das estacas horizontais do crucifixo, 2021.....	21
FIGURA 10	Acervo pessoal. Estatuetas de gesso serradas, 2021.....	23
FIGURA 11	Acervo pessoal. Entalhe do pedestal com uso de goiva, 2021.	24
FIGURA 12	Acervo pessoal. Lapidação da superfície da medalha, 2021....	25
FIGURA 13	Acervo pessoal. Ferimento causado no processo, 2021.....	26
FIGURA 14	Acervo pessoal. Rogai por nós, 2019.....	28
FIGURA 15	Acervo pessoal. Tudo posso naquele que me fortalece, 2020..	29
FIGURA 16	Acervo pessoal. Tudo posso naquele que me fortalece, 2020..	29
FIGURA 17	Turismo em Minas Gerais. Conjunto arquitetônico da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, s.d.....	30
FIGURA 18	Acervo pessoal. Altar da capela, 2021.....	31
FIGURA 19	Acervo pessoal. Interior da capela, 2021.....	32
FIGURA 20	Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Sala de exposição na planta do MAS, 1999.....	32
FIGURA 21	Acervo pessoal. Parede e piso do interior do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, 2021.....	33
FIGURA 22	Acervo pessoal. Croqui de “Iconodulia” no display suspenso maior, 2021.....	34

FIGURA 23	Acervo pessoal. Croqui de “Cânone” no display suspenso menor, 2021.....	34
FIGURA 24	Acervo pessoal. Croqui de “Mistério” no display vertical, 2021.	35
FIGURA 25	Acervo pessoal. Croqui de “Três Marias” no display cúbico, 2021.....	35
FIGURA 26	Acervo pessoal. Montagem da exposição I, 2021.....	36
FIGURA 27	Acervo pessoal. Montagem da exposição II, 2021.....	36
FIGURA 28	Acervo pessoal. Montagem da exposição III, 2021.....	37
FIGURA 29	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” I, 2021.....	38
FIGURA 30	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” II, 2021.....	39
FIGURA 31	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” III, 2021.....	40
FIGURA 32	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” IV, 2021.....	41
FIGURA 33	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” V, 2021.....	42
FIGURA 34	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” VI, 2021.....	43
FIGURA 35	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” VII, 2021.....	44
FIGURA 36	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” VIII, 2021.....	45
FIGURA 37	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” IX, 2021.....	46
FIGURA 38	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” X, 2021.....	47
FIGURA 39	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XI, 2021.....	48
FIGURA 40	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XII, 2021.....	49
FIGURA 41	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XIII, 2021.....	50
FIGURA 42	Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XIV, 2021.....	51

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Alex Miyoshi por se fazer presente e me auxiliar durante todo o percurso deste trabalho. Ao Dr. Rodrigo da Silva Félix e ao Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia pela atenção, disponibilidade e cuidado. Aos meus avós Mariinha e Leonardo pela constante inspiração.

À minha avó Dalva pelo afeto. Ao meu avô Alair pela proteção. Aos meus pais Andréa e Marcelo por me criarem para ser quem sou.

Às minhas amigas artistas Eduarda, Laís, Larissa C. e Larissa R. pelos ouvidos e ombros.

À Mila pela sua existência.

“Serão esses os criadores do próximo mundo, que não será feito em sete dias, não somos apressados como Deus, teremos calma e preguiça. Dormiremos de dia e à noite traçaremos o mundo pela observação de reais criadores, pois somente artistas, cientistas e inventores têm os reais aparatos para criar. Esse foi o maior ou o único erro de Deus. Por isso somos proibidos de prazeres, Ele crê que de prazeres vem a poesia, o que não sabe, pois não é poeta. Do tédio e da desgraça nasce a mais pura e linda poesia. “Bu!” para Ele, que o mundo quis criar sem ao menos consultar um artista, a modéstia é para Ele e não para mim que vejo tudo por telas pintadas de desgraça e sangue, não de Cristo nem dos santos, e sim do pintor. Não somos persistentes, pois não criamos em série como foi feito, persistência é sinônimo de repetição e repetição somente em reza, mais nada.”

SUMÁRIO

1. SACRAMENTO DA PENITÊNCIA.....	10
2. ICONOCLASTIA.....	11
3. PROCISSÃO DA AUSÊNCIA.....	17
4. ICONOLATRIA.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6. EXPOSIÇÃO “MARANATA”.....	38
7. REFERÊNCIAS.....	52

1. SACRAMENTO DA PENITÊNCIA

Dos 7 aos 13 anos de idade, estudei em um colégio particular de tradição católica, que chamamos “escola de freiras”. O estabelecimento leva o nome de uma santa, mas na comunidade é chamado de Escola Normal. Curioso pensar, em retrospectiva, que essa era a realidade que eu reconhecia como *normal*. Dentre outras tradições levadas a cabo pelas irmãs que geriam a escola, era regra subirmos ao último andar, onde situava-se a capela, para confessarmos nossos pecados a um padre que marcava presença mensal no colégio.

Certo dia, aos 11 anos de idade, confessei que sentia ciúmes de minha melhor amiga, pois a amava e a queria só para mim. Ouvi que esse tipo de sentimento não era de Deus e que eu deveria rezar quarenta e cinco Ave Marias e quarenta e cinco Pai Nossos antes de dormir; comecei a rezar a primeira Ave Maria, mas nunca concluí. Talvez já me fosse claro, desde então, que a forma como amo mulheres (à época meninas) não era *normal*, e mais ainda, não iria embora à força de reza.

O sacramento da penitência se dá quando um fiel se arrepende de uma ofensa feita a Deus. Os arrependimentos são classificados entre perfeitos e imperfeitos, sendo os últimos a espécie que me assola(va). A dor imperfeita, também chamada de atrição, é considerada menos nobre, uma vez que provém do temor da condenação e das penas que serão sofridas após ter-se pecado. O medo profundo que eu sentia de já ter sido condenada, de nunca não tê-lo sido, me impedia de qualquer nobreza e perfeccionismo.

O medo dEle se tornou ainda mais presente quando minha família paterna se converteu ao protestantismo, e os dogmas se intensificaram enquanto eu me via perdida de mim. Ainda criança, vi os santos sumirem, dei falta dos quadros que decoravam os ambientes, das velas acendidas na sala de estar e comecei a ouvir que o que antes era dever, agora era proibido. E, tal qual Maria, me senti desrepresentada, uma existência ignorada, e a censura nos uniu.

No campo do pecado eu encontrei minhas referências e preferências. Se eu estava errada, tudo o que eu desejava também poderia ser considerado assim. Acreditava já estar fadada, sem salvação, então me atraí pelo inferno, me descobri profana, e ali me entreguei ao prazer do erro, já que, por mais que tentasse, nunca seria absolvida.

2. ICONOCLASTIA

Ouvi repetidas vezes, na casa de meus avós, que ser cristão significa ser um “pequeno cristo” e viver sob os ensinamentos de Jesus. Me intrigou, então, quando minha avó Maria das Dores, a quem todos chamam Mariinha, teve de renegar sua fé à Virgem Maria. Eu me lembro de acompanhar minha avó nas novenas, de ser encarregada de buscar a santa com as vizinhas, e de ajudar a preparar tudo para a reza (da qual eu não participava pois era mais interessante brincar com as outras crianças).

De repente, começaram os sumiços: meu avô, com o apoio de minha madrinha, escondeu as estátuas, uma a uma. Ele anunciava o sequestro das imagens, que, segundo a sua nova fé, se enquadravam como idolatria, ou seja, a adoração a objetos em detrimento à adoração a Deus. E, assim, aos poucos, Mariinha perdeu Maria, deu as costas a ela, e por vezes deu as costas a mim.

Nesse microcosmo, tudo o que não fazia parte da restrita doutrina protestante a que minha família se converteu deveria ser abruptamente eliminado. Num escopo maior, podemos ver como este exemplo localizado faz coro a ações que acontecem em escalas maiores. Há 26 anos, o bispo Sérgio Von Helder da Igreja Universal do Reino de Deus chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida em rede nacional, em pleno feriado nacional da santa padroeira do Brasil, em protesto à existência da data enquanto proferia a seguinte fala:

[e]stamos mostrando às pessoas que isso aqui não funciona, isso aqui não é santo coisa nenhuma. 500 reais, cinco salários mínimos, custa no supermercado essa imagem... E tem gente que compra! Agora se você quiser uma santa mais barata, você encontra até por 100 reais. Será que Deus, o criador do universo, pode ser comparado a um boneco desse tão feio, tão horrível e tão desgraçado? (HELDER. “O Despertar da Fé”, *Rede Record*, 1995).

As inquietações que esse tipo de disputa religiosa (e por consequência identitária) suscitam não se restringem apenas às instituições religiosas. Muitos outros artistas foram movidos pelo questionamento à religiosidade cega e às ideias conservadoras do cristianismo. Como pode ser visto na Figura 1, León Ferrari fez referência à guerra do Vietnã ao exibir a imagem de Jesus Cristo crucificado sob um

avião carregado de bombas em *La Civilización Occidental y Cristiana* (1965), seu trabalho mais conhecido e polêmico. Este foi repudiado até mesmo pelo cardeal Jorge Bergoglio, hoje o Papa Francisco, no ano de 2004, quando Bergoglio pediu aos fiéis que fizessem uma “jornada de jejum e orações” contra a obra de Ferrari, além de solicitar que a retrospectiva do artista no *Centro Cultural Recoleta* fosse encerrada. (EL PAÍS, 2015)



Figura 1: León Ferrari. *La Civilización Occidental y Cristiana*, 1965.

Um outro exemplo de produção que foi inspirada no divino é a obra *Piss Christ* (1987) de Andres Serrano (Figura 2), que retrata a imagem de Cristo submersa na urina do próprio autor, criando um efeito visual celestial através da luz que atravessa a urina e as bolhas de ar presentes no líquido. A fotografia de Serrano incorpora um momento da história da arte que toca diretamente no conflito entre conformidade ortodoxa institucional e liberdade objetiva de expressão. Porém, a recepção do público

não foi positiva. A fúria causada nos religiosos sucedeu em uma série de protestos em diversos países para que a fotografia não fosse exposta nos espaços culturais. Tentativas de destruição da obra original ocorreram e a polêmica cercada pelo trabalho desde a sua criação, dado o título e o processo criativo, se intensificou, visto que o artista havia recebido uma quantia de 15 mil dólares do National Endowment for the Arts, fundo de apoio à arte do governo americano, o que resultou na destruição de uma cópia da imagem por um senador em pleno congresso. (ARTRIANON, 2019)

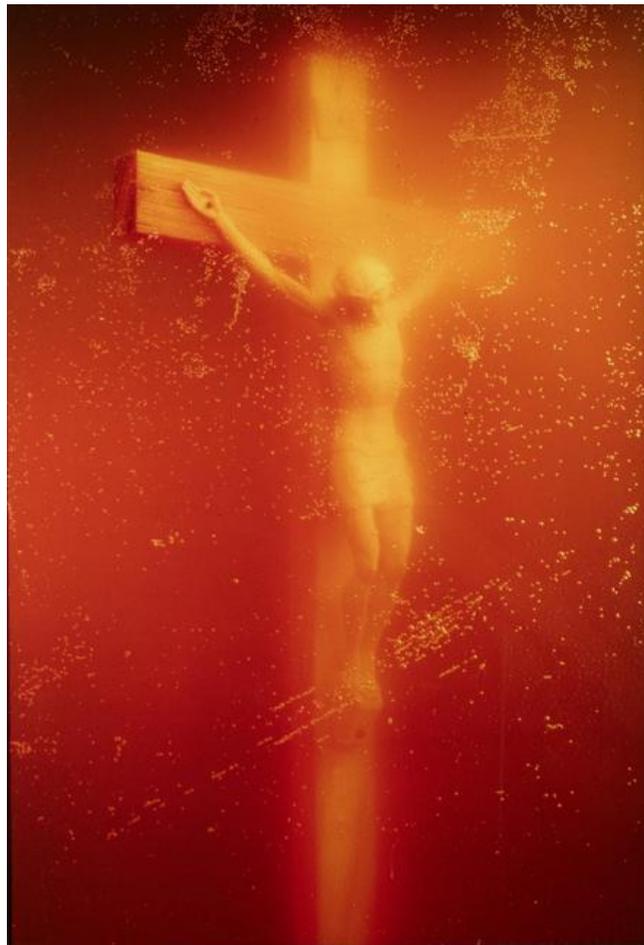


Figura 2: Andres Serrano. *Piss Christ*, 1987.

Não poderia deixar de citar o trabalho de Chris Ofili, intitulado *The Holy Virgin Mary* (1996), que pode ser observado na Figura 3, vandalizado em uma das suas exposições, embora tenha sido restaurado e voltado a integrar mostras. Essa é a pintura mais conhecida do artista e contém esterco de elefante em sua composição, o que causou reprovação de uma parte do público e foi descrita como “doentia” pelo então prefeito de Nova Iorque, Rudolph Giuliani, quando exposta pela primeira vez no Brooklyn Museum na mostra “Sensation”. (TOUCH OF CLASS, 2017)

Ofilo optou por não suspender a obra, como dita a tradição dos espaços da arte, mas sim de escorá-la na parede, apoiando-a sobre duas bolas de esterco de elefante, material inusitado que, no entanto, integra a cosmologia africana como algo sagrado. A escolha expositiva nesses moldes foi para para que ela ficasse próxima ao chão, o que nos leva a crer que o artista tinha a visão daquela imagem integrando o espaço real do espectador. Além do esterco na base, o dispôs também o seio nu da figura, que pode aludir à ausência do tradicional bebê Jesus sendo amamentado. (MOMA, 2019)



Figura 3: Chris Ofili. *The Holy Virgin Mary*, 1996.

Finalmente, cito o trabalho de artistas brasileiros que me são contemporâneos. Edu de Barros (Rio de Janeiro, 1992), também conhecido como O Profeta, trabalha com questões que perpassam a brasilidade, decolonialidade, simbolismo sacro e ordinário (como ele próprio descreve seu trabalho), além do contraste entre cristianismo e heresia e outras questões como o ocultismo e a distopia sociopolítica. Edu de Barros atua como pregador *n'Anoiva*, a Igreja do Reino da Arte, criada por artistas que acreditam no processo artístico como uma forma de acesso ao divino

(BARROS, s.d.). Em suas obras estão presentes elementos que fazem parte de uma liturgia sagrada; o artista pesquisa e faz profecias sobre

[u]ma heterotopia distópica modelada pela presença de sinais bíblicos, elementos de insurgência cultural das favelas, conteúdo viral e ícones com potencial narrativo na vida cotidiana, objetos comuns, domésticos e descartes enquanto suporte os quais ele captura, intervém e ressignifica em composições substanciais. (BARROS. Currículo do artista, s.d.)

Na obra de título *Santuário* (2020), como pode ser visto na Figura 4, o artista utiliza uma coleção de objetos e imagens sobre uma base em madeira criando um santuário, como o próprio título do trabalho indica. Nele, é possível identificar uma miríade de imagens que vão desde adesivos de figuras sacras, como Jesus Cristo e Virgem Maria, a fotos eróticas retiradas de revistas pornográficas, além de esculturas feitas de cera - remetendo a velas - de diversos objetos do cotidiano, como latas de bebida, bonecos e partes do corpo humano.



Figura 4: Edu de Barros. *Santuário*, 2020.

Trago, ainda, o trabalho de Adriana Varejão, artista que marca presença entre os grandes nomes da arte contemporânea não só brasileira, mas também internacional. Varejão resgata temas como a história da arte e a mescla entre a arte sacra e a história tanto do Brasil quanto de outros países colonizados, ao passo que utiliza o corpo (principalmente as vísceras) como uma temática constante em sua produção. A artista

realiza pesquisas sobre o Barroco e emprega elementos do movimento em suas obras, como os excessos e ornamentações.

Em *Proposta para uma Catequese* (1993), a artista cria uma pintura em formato de díptico, onde na Parte I que leva o título de *Morte e Esquartejamento*, vemos Cristo ressurgir inserido em uma imagem de Theodore de Bry. Ambientado em um cenário incomum, visto que foi inserido na imagem como substituto ao prisioneiro que protagoniza a gravura original de De Bry, Cristo faz as vezes de vítima neste ritual antropofágico. Na parte superior da pintura vemos a seguinte escritura em latim: “*Qui manducat meam carnem, et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo*”, que se traduz por “Aquele que come do meu corpo e bebe do meu sangue está em mim e eu nele”, frase retirada do Evangelho e referida originalmente à substanciação do pão e do vinho no corpo de Cristo. (VAREJÃO e SCHWARCZ, 2014)



Figura 5: Adriana Varejão. *Proposta para uma catequese: morte e esquartejamento*, 1993.

Como pôde ser observado, os atravessamentos do religioso têm seu legado na arte, não apenas no campo da arte sacra, mas adentrando a arte contemporânea. O encantamento e a admiração por este tema e a potência de sua problemática desembocam na produção artística deste Trabalho de Conclusão de Curso, que será tratada na próxima sessão.

3. PROCISSÃO DA AUSÊNCIA

Este trabalho buscou explorar artisticamente inquietações e memórias vividas por mim durante a infância e a adolescência em uma família que se converteu ao protestantismo neopentecostal. A exposição proposta como objeto final desta etapa de conclusão de curso se intitula “Maranata”, expressão de origem aramaica que, traduzida para a língua portuguesa, significa “vem, Senhor” ou “nosso Senhor vem”. Além disso, o título faz referência à Igreja Cristã Maranata (Figura 6), instituição religiosa frequentada pela minha família paterna. O conceito distorcido da idolatria se faz presente na produção através do processo de apagamento das imagens de figuras bíblicas importantes na religião católica. O tom de censura que as obras comunicam tem o intuito de tecer uma crítica à tentativa de apagamento desses símbolos que já estão consolidados culturalmente. Assim, o leque de interpretações se abre para um questionamento tanto das práticas de algumas correntes do cristianismo como para outras reflexões sobre a presença (ou a ausência) da religião no Brasil, que é um estado laico ainda que tradicionalmente pautado em valores ditos cristãos.



Figura 6: Igreja Cristã Maranata. Entrada de uma das sedes da Igreja Cristã Maranata, 2021.

Quatro obras compõem a exposição: a primeira, intitulada “Iconodulia” é uma série de encáusticas feitas a partir de parafina de velas e pigmento que retratam sombras projetadas da Sagrada Família, três personagens marcantes da Igreja

Católica: José, Jesus e Maria. Estas sombras foram distorcidas e têm como inspiração o sequestro dos santos e imagens que minha avó possuía. O termo teológico “*dulia*” empregado no título da obra significa a honra e o culto de veneração devotados aos santos, em contrapartida ao termo “*latria*”, que designa o culto de adoração prestado e dirigido unicamente a Deus.

A pintura feita através do uso da cera como base aglutinante dos pigmentos cria uma mistura densa e é uma técnica milenar empregada desde a Antiguidade, principalmente no Oriente, em artes de âmbito cristão. Em “Iconodulia” utilizei parafina proveniente de velas derretidas na composição da obra, elemento que traz consigo a simbologia do Espírito Santo e do dom da fé de acordo com o Sacramento do Batismo da Igreja Católica. O processo de produção das obras se deu em três etapas: primeiro a preparação das telas, onde cortei os tecidos de mourim em quadrados com cerca de 3 centímetros de margem em cada extremidade dos painéis de MDF utilizados como suporte; este, por sua vez, recebeu uma camada de uma mistura de tinta acrílica e cola branca em iguais quantidades que foi responsável pela fixação do tecido. A segunda etapa foi executada após a secagem do suporte; nesta, fiz os riscos das imagens distorcidas no centro da tela e, logo em seguida, criei uma barreira com fita crepe, a fim de delimitar o desenho dos santos. A última etapa foi o preparo e aplicação da matéria pictórica: derreti as velas junto ao giz de cera (encarregado de pigmentar a mistura) e apliquei primeiro no interior da imagem, criando a silhueta dos santos com a cor preta; em seguida, retirei a fita crepe do suporte e apliquei a mistura de pigmentação branca para criar o restante da composição (Figura 7).



Figura 7: Acervo pessoal. Aplicação da matéria sobre o suporte, 2021.

Devido à natureza do material, foi importante que a aplicação da parafina fosse feita quando a mesma ainda estivesse em seu estado líquido, o que significa que a matéria deveria estar em alta temperatura. Isso, inevitavelmente, ocasionou queimaduras em minha pele durante o manejo e aplicação da matéria no suporte, o que tornou o processo de execução doloroso não só psicologicamente, mas também fisicamente.

A segunda obra produzida tem o título “Mistério” e é composta por um rosário com quatro terços de Nossa Senhora Aparecida. Nela, as contas de madeira e a figura de Jesus Cristo fixada no crucifixo foram retiradas, restando apenas a cruz, que teve seu formato modificado e agora conta apenas com a estaca vertical. Nesta obra, o mote do apagamento se vê representado pela retirada dos elementos e pela adulteração da cruz, símbolo potente dentro do catolicismo. O título “Mistério” remonta aos vinte mistérios (momentos significativos) da vida de Jesus e de Maria presentes no terço do Rosário, que foram posteriormente divididos pela Carta Apostólica *Rosarium*

Virginis Mariae em quatro Coroas, que por sua vez foram denominadas mistérios gozosos, mistérios luminosos, mistérios dolorosos e mistérios gloriosos.

Para que as contas do terço fossem retiradas, me servi de um alicate para quebrar cada uma das pequenas esferas de madeira, deixando apenas o fio de nylon e suas amarrações (Figura 8). Devido à dureza do material, foi necessário que eu empregasse bastante força enquanto fazia pressão com a palma da mão contra a extremidade do cabo do alicate, o que me causou alguns dias de sensibilidade e um hematoma. A próxima etapa da produção deste trabalho foi a modificação da cruz; para tal contei com o auxílio de um grampo sargento para dar estabilidade ao objeto enquanto utilizava um pequeno serrote de aço para cortar as extremidades horizontais do crucifixo (Figura 9). Assim, restava apenas a última etapa: censurar as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Jesus Cristo presentes no entremeio do Rosário; me vali de uma lixa de alta gramatura para arranhar a superfície das imagens a fim de deixá-las com um aspecto embaçado, tornando difícil (mas não impossível) a identificação destas figuras.

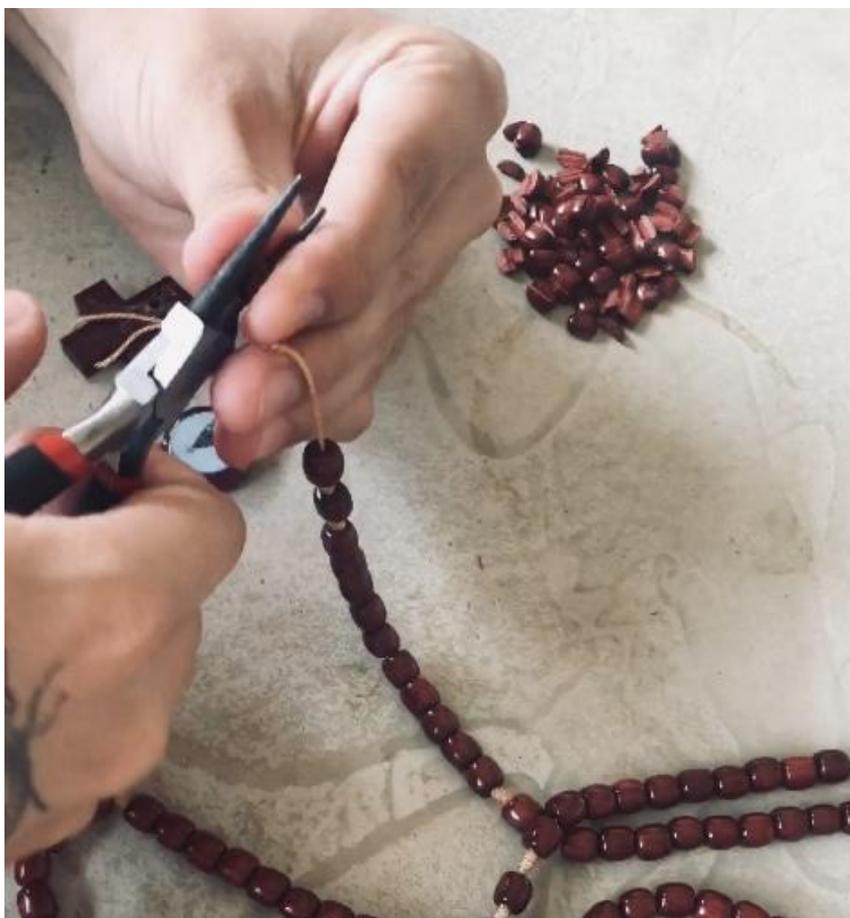


Figura 8: Acervo pessoal. Remoção das contas de madeira com alicate, 2021.



Figura 9: Acervo pessoal. Serragem das estacas horizontais do crucifixo, 2021.

“Três Marias” é a terceira obra que integra a exposição e trata-se de uma série de três esculturas de gesso. Tais esculturas são compostas, majoritariamente, pela ausência, se completando apenas com o olhar do espectador; isto se dá pois estão presentes apenas os pedestais das estátuas de três versões de Maria de Nazaré: Virgem Maria, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida. Aqui, a escolha das figuras se deu pelo fato de que Nossa Senhora tem, comumente, sua presença apagada nas religiões evangélicas.

A intervenção realizada nestas peças tridimensionais foi feita através da serragem do corpo das respectivas Marias de seus pedestais (Figura 10). Em primeiro momento, utilizei o serrote para retirar o dorso de cada uma das imagens, de modo a deixá-las apenas com a parte inferior do corpo presente na base, e com o auxílio de uma goiva de xilogravura desbastei delicadamente o gesso para que todas as estátuas tivessem a imagem da santa retiradas (Figura 11). Após esse processo minucioso, tornei a usar o serrote para garantir o acabamento visualmente geométrico que eu desejava na superfície superior das peças, a fim de evidenciar o talhamento das figuras que ali estavam presentes e, por fim, apliquei uma camada fina de verniz incolor spray.



Figura 10: Acervo pessoal. Estatuetas de gesso serradas, 2021.



Figura 11: Acervo pessoal. Entalhe do pedestal com uso de goiva, 2021.

A quarta e última obra intitulada “Cânone” é um quadro de medalhas, mais especificamente 38 escapulários que tiveram seus relevos raspados; a quantidade de peças faz referência aos 37 santos brasileiros canonizados pela Igreja Católica, ao passo que abre margem para interpretação sobre a existência de um trigésimo oitavo santo. Nesta obra, as correntes de metal com os pequenos escapulários são dispostas lado a lado, marcando uma última vez a presença-ausência que dita o tom da exposição.

O processo de produção se deu, em primeiro momento, no preparo das correntes de metal: desconectei frações de comprimento igual para que pudesse criar os 38 cordões individuais e, para tal, utilizei um alicate específico para bijuterias. Esse processo requereu muita precisão e minúcia, visto que os elos das correntes são pequenos e cada milímetro a mais poderia causar uma diferença visual no alinhamento do conjunto na montagem da obra. A segunda etapa de confecção do trabalho foi a raspagem das medalhas, para a qual contei com o auxílio do grampo sargento, para

estabilizar as pequenas placas de metal enquanto me servia de uma goiva afiada para lapidar a superfície do material, a fim de remover as imagens que nele estavam entalhadas (Figura 12). Foi necessário que eu empregasse bastante força para realizar esse procedimento, e nos primeiros 10 exemplares apoiei o cabo de madeira da goiva na palma da mão para dar impulso ao movimento repetitivo exigido, o que ocasionou uma lesão em minha pele (Figura 13). Nos 28 volumes restantes segurei o instrumento cortante de modo que não tocasse o ferimento, realizando o processo com mais calma e precisão, o que aumentou o tempo demandado para concluir a produção da obra. Já na última etapa, incorporei as medalhas nas correntes uma a uma e formei o conjunto final.



Figura 12: Acervo pessoal. Lapidação da superfície da medalha, 2021.



Figura 13: Acervo pessoal. Ferimento causado no processo, 2021.

As quatro obras aqui descritas integram um corpo atravessado pela ausência e por questões religiosas. A coleção será agrupada em uma exposição, intitulada “Maranata”, que se explicará a seguir.

4. ICONOLATRIA¹

Propor obras que fogem do que seria esteticamente belo não é algo recente na arte. Ao apreciar desde *Les Demoiselles d'Avignon* (1907) de Pablo Picasso a *Extirpação do Mal por Incisura* (1994) de Adriana Varejão, temos as evidências de que este processo não é novo e tampouco descontinuado. No entanto, existe algo no desconforto que ressoa intimamente com o que temos vivido neste ano: talvez seja a clausura, a solidão, ou mesmo o medo do desconhecido e da perda. Giorgio Agamben versa em *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2009) que “contemporâneo é

¹ Iconolatria (s.f): Adoração ou culto prestado às imagens.

aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62). Tal qual o autor destaca em seu texto, busco não me perder pelas luzes do agora e sim enxergar através da obscuridade.

Após um longo período de incubação, algumas questões puderam, neste cenário de isolamento, ganhar latência. Temas como o cenário político atual, a religiosidade e as questões de gênero e sexualidade passaram a pulsar mais forte em mim, urgindo atenção e trabalho. Mas também as memórias da infância e da vivência, de uma mulher lésbica pertencente a uma família evangélica, assumiram patamar superior, informando o caminho de minha produção e se traduzindo em indícios de profundo desconforto. É deste lugar complexo, e ao mesmo tempo tão estranho e familiar, que surgiu a empreitada do Trabalho de Conclusão de Curso.

Em minha produção artística², o desconforto sempre se apresentou através de diferentes faces que ora saltavam de um trabalho pronto ora pulsavam em mim até virar arte. Durante a graduação em Artes Visuais, explorei o tema da religiosidade pela primeira vez na disciplina de Ateliê de Fotografia, ministrada pelo Prof. Dr. Paulo Angerami, onde produzi um autorretrato que intitulei como “Rogai por nós” (2019) (Figura 14). Na obra em questão, manipulei quatro autorretratos em que segurava uma pedra em posições diferentes; uma vez sobrepostas, as fotografias formaram a imagem final, que representa o sinal da cruz. O título, por sua vez, faz referência à última estrofe da oração da Ave Maria: “Rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte. Amém”.

² Para uma visão geral, ver: <http://jessicacaldeira.com/>

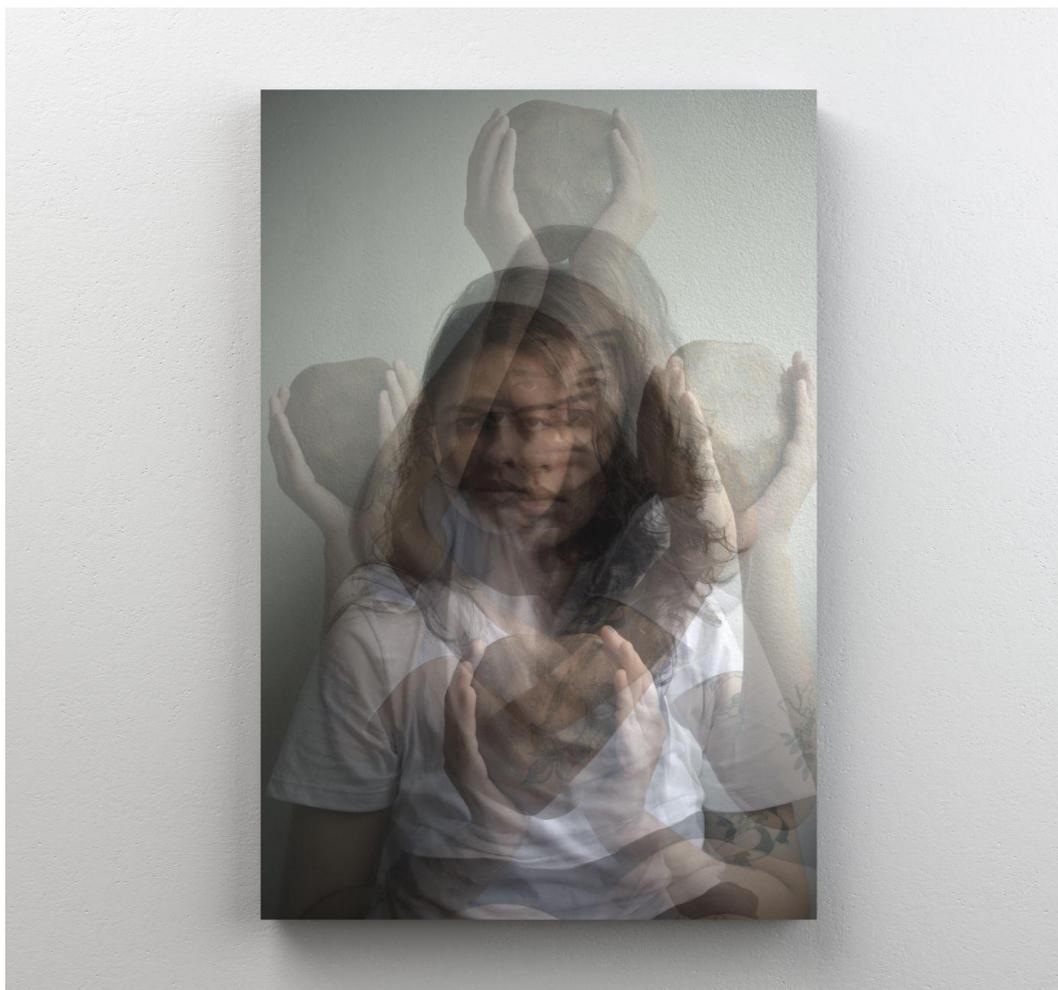


Figura 14: Acervo pessoal. Rogai por nós, 2019.

O tema emergiu novamente no decorrer da disciplina de Experimentações da Escrita e Educação, ministrada pela Prof. Dra. Tamiris Vaz. A problematização de lugares de escrita e de linguagem na educação e na arte faziam parte dos objetivos específicos da matéria. Desenvolvi como trabalho final a obra “Tudo posso naquele que me fortalece” (2020) (Figuras 15 e 16), me apropriando de uma caixinha de promessas bíblicas³ para sua realização. A proposta do trabalho foi a subversão do conteúdo por informações de contato sobre ONGs e abrigos destinados a pessoas *queer*⁴ em vulnerabilidade social.

³ Objeto comumente utilizado como *souvenir* de eventos religiosos e que possui a função original de porta versículos bíblicos.

⁴ *Queer* é um termo guarda-chuva para minorias sexuais e de gênero, ou seja, que não são heterossexuais ou não são cisgênero. Originalmente significando "estranho" ou "peculiar".



Figura 15: Acervo pessoal. Tudo posso naquele que me fortalece, 2020.



Figura 16: Acervo pessoal. Tudo posso naquele que me fortalece, 2020.

A terceira ocasião na qual este tema veio à tona em meu percurso acadêmico foi justamente na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 1, quando orientada pelo Prof. Dr. Alexander Miyoshi, me voltei às narrativas da minha infância e adolescência que há tanto me inquietavam, mas ainda não tinham sido trazidas à superfície. Durante essa primeira etapa, o trabalho consistiu em discutir as propostas em um grupo de

estudos, onde pude estreitar meu escopo e decidir a temática para o presente trabalho. À época, o Prof. Miyoshi sugeriu que eu expusesse o trabalho final no Museu de Arte Sacra de Uberlândia, uma vez que as obras que eu estava desenvolvendo se alinhavam com o museu.

O conjunto arquitetônico da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, onde está o Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia (MAS) (Figura 17) que sedia a exposição, foi projetado pela arquiteta italiana Lina Bo Bardi a convite de Frei Egídio Parisi, por intermédio do artista mineiro Edmar de Almeida, amigo pessoal de Lina, entre os anos de 1976 e 1982. A princípio, a arquiteta recusou o convite pois, de acordo com o próprio Edmar de Almeida,

a arquiteta possuía conhecimento histórico sobre a Igreja Católica - [Bo Bardi] foi criada próximo ao Vaticano - e posicionava-se criticamente a ela; nunca havia construído um edifício religioso; manifestou temer a doação do projeto e este não ser considerado em sua totalidade ou sofrer problemas de gestão. (ALMEIDA apud LAZZARIN, 2015)



Figura 17: Turismo em Minas Gerais. Conjunto arquitetônico da Igreja do Espírito Santo do Cerrado, s.d.

Mas, felizmente, Lina repensou a proposta após ficar a par da atuação do Frei Egídio como Capelão e de sua participação na resistência em Monte Cassino⁵ durante a Segunda Guerra Mundial; além do apoio dado ao cineasta neorrealista italiano Roberto Rossellini na produção de *Francesco, Giullare di Dio* (1950), sobre a vida de São Francisco. Além disso, o fato de que o projeto seria executado em um bairro periférico na cidade de Uberlândia impulsionou positivamente o aceite do convite por parte de Bo Bardi. (LAZZARIN, 2015)

⁵ Batalha que ocorreu no fim de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, próximo a Bologna, entre forças Aliadas e o Exército Alemão a fim de conter o avanço do Eixo no norte da Itália.

A sugestão inicial do professor orientador foi que eu fizesse também a exposição na capela da igreja (Figura 18 e 19), porém, quando visitei o local guiada pelo Dr. Rodrigo Félix, achei mais interessante que a montagem fosse realizada somente no espaço do museu. A sala onde a exposição “Maranata” está situada dava lugar, no projeto original, ao refeitório, entre a cozinha e os dormitórios das freiras que lá residiam (Figura 20). O chão de cimento vermelho e as paredes de barro pintadas de branco do interior do MAS (Figura 21) me remeteram de imediato à fazenda dos meus avós maternos, onde eu passava os natais durante a infância.



Figura 18: Acervo pessoal. Altar da capela, 2021.



Figura 19: Acervo pessoal. Interior da capela, 2021.

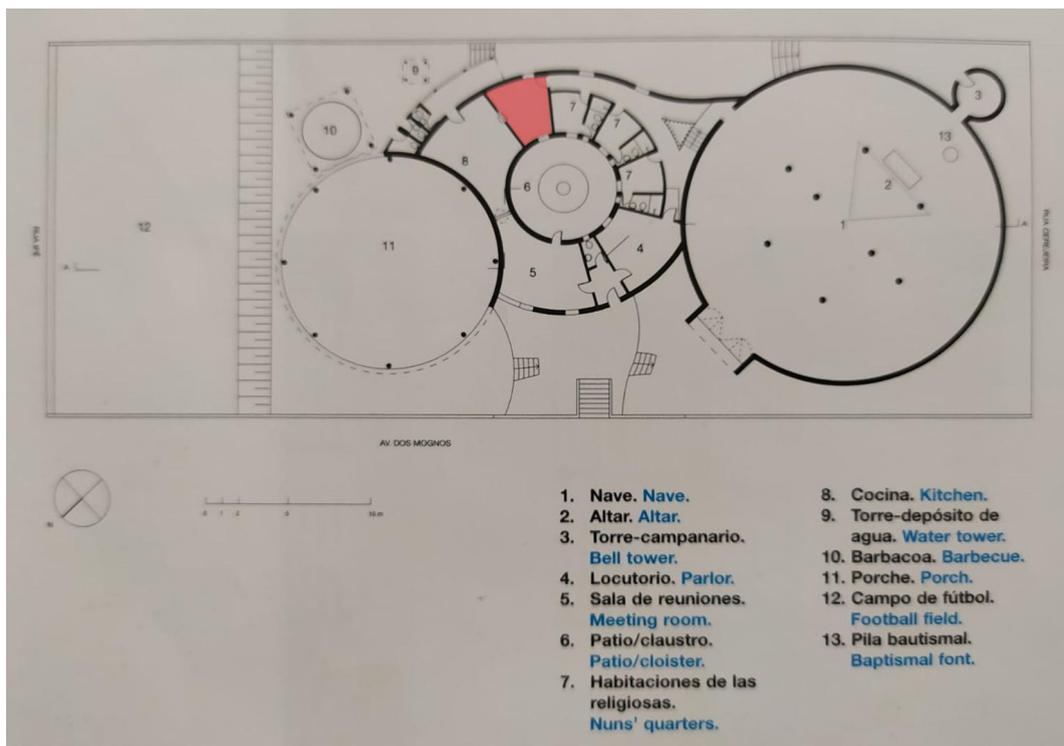
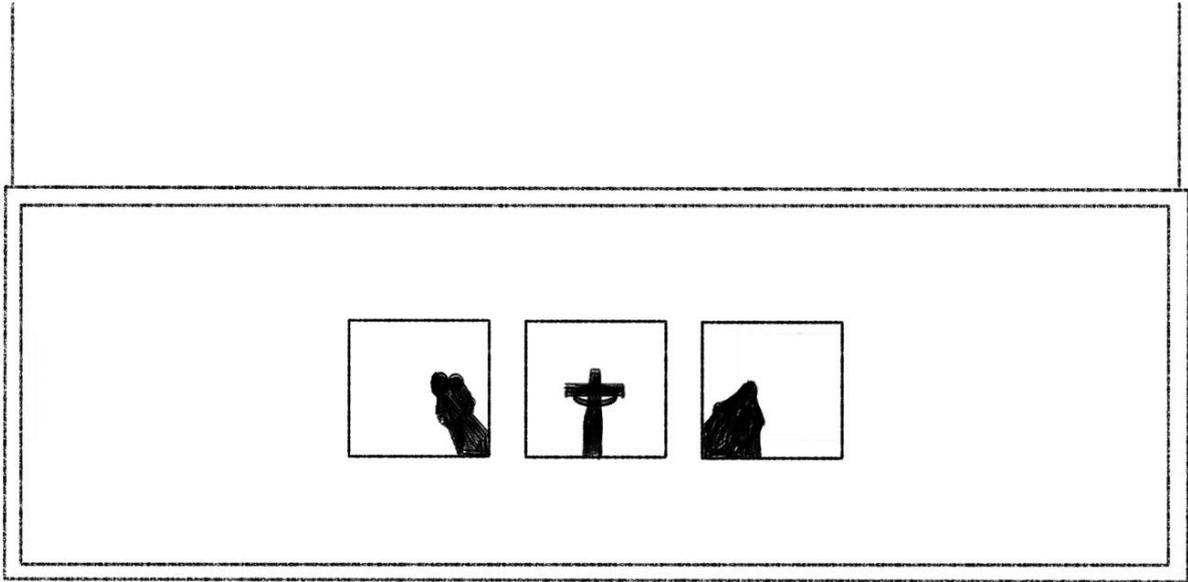


Figura 20: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi. Sala de exposição na planta do MAS, 1999.



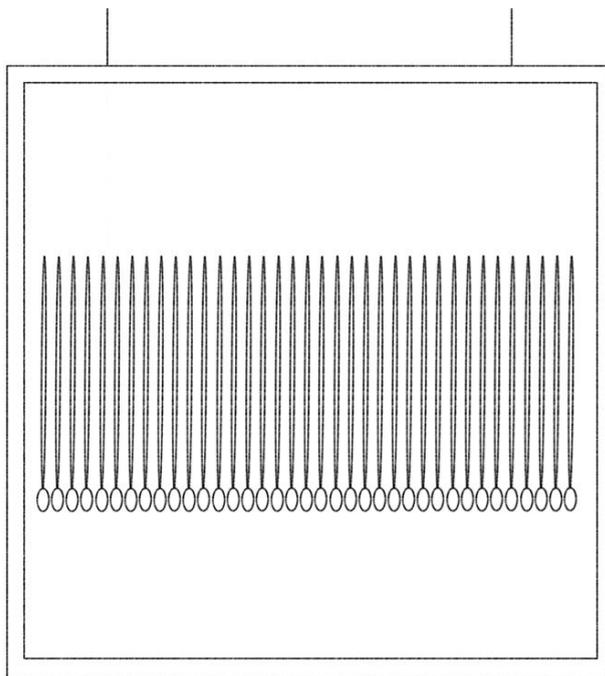
Figura 21: Acervo pessoal. Parede e piso do interior do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, 2021.

A sala de exposição onde a mostra se encontra conta com dois displays verticais suspensos (um retangular de maior superfície e um quadrado de menor superfície), dois displays verticais grandes rentes ao chão e um display cúbico de tamanho médio. No projeto expográfico descrevi a disposição das obras da seguinte forma: no display suspenso maior, “Iconodulia” (Figura 22); no display suspenso menor, “Cânone” (Figura 23); no display vertical grande, “Mistério” (Figura 24); no display cúbico, “Três Marias” (Figura 25).



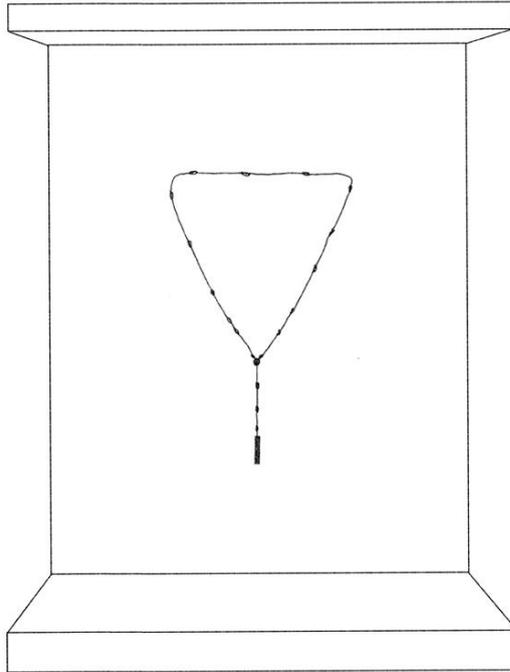
Display suspenso 1 - Encáusticas

Figura 22: Acervo pessoal. Croqui de "Iconodulia" no display suspenso maior, 2021.



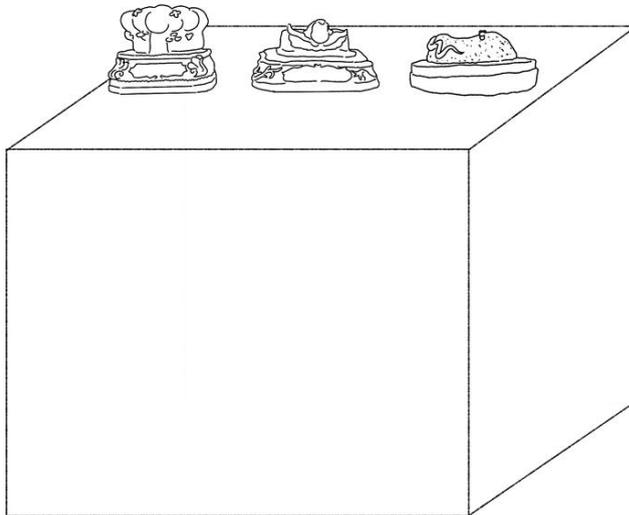
Display suspenso 2 - Medalhas

Figura 23: Acervo pessoal. Croqui de "Cânone" no display suspenso menor, 2021.



Display vertical - Rosário

Figura 24: Acervo pessoal. Croqui de “Mistério” no display vertical, 2021.



Display cubo - Pedestais

Figura 25: Acervo pessoal. Croqui de “Três Marias” no display cúbico, 2021.

A expografia foi mantida de acordo como planejada anteriormente e parti para a montagem da exposição (Figuras 26, 27 e 28). Conteí com a ajuda de duas assistentes de montagem, Laís Martins e Mila Soares, além do historiador e curador do Museu de Arte Sacra da Diocese de Uberlândia, Dr. Rodrigo Félix e do artista visual Me. Ueslei Almeida. A exposição foi aberta ao público no dia 28 de outubro de 2021.



Figura 26: Acervo pessoal. Montagem da exposição I, 2021.



Figura 27: Acervo pessoal. Montagem da exposição II, 2021.



Figura 28: Acervo pessoal. Montagem da exposição III, 2021.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, dessantifiquei imagens e dessacralizei símbolos, na defesa de minha visão como artista e de minha existência tal qual tem sido. A iconolatria resistiu nas obras, ainda que de forma velada pelas ações iconoclastas que sobre elas foram exercidas. Mergulhei em meu íntimo e me permiti voltar o olhar a questões dolorosas, me vi frágil e quebradiça, quase de gesso, mas soube continuar.

Conheci histórias que fizeram história, célebres e infames, na arte e na vida, e me encontrei produzindo à exaustão do corpo. O que pôde ser visto nestas páginas é um retrato dos procedimentos empregados, além das movências que os precedem e os resultados que sucederam. Considero que a exposição se constitui como um corpo coeso de obras que se comunicam e se complementam. Acredito ainda que apesar de fruir de vivências próprias e singulares, o trabalho não findou por ser monotemático e limitado, já que pode se relacionar com diversas outras questões, para além da religiosidade, a partir da interpretação do espectador.

De forma sutil, aparecem nas obras reflexões acerca de minha identidade de mulher lésbica; pode também emergir a ideia de um poder preponderante e julgador que deveria causar temor, e que acaba por causar censura, sendo ele divino ou não. A miríade de possibilidades de identificação e interpretação das obras se abre e se torna ampla a partir de conceitos dicotômicos como a presença e a ausência, a iconolatria e a iconoclastia, o céu e o inferno, o branco e o preto, o pecado e o perdão.

Ao longo dos processos que culminaram em "Maranata", provoqueei muitas quebras, cortes, talhos e rachaduras. Quebrando contas de rosário, quebrava também um pouco do silêncio em que mantinha as inquietações sobre ser quem sou e vir de onde venho. Cortando velas e correntes, me desvencilhei de algumas das amarras que pesavam o olhar soberano de Deus, representado por vezes em pessoas de carne e osso e de laços sanguíneos. Talhando medalhas para apagar os santos e santas, me vi expurgando um pouco do medo do pecado e de me ver pecadora. Rachando as estátuas de Maria, lembrei de sua presença, me vi em sua ausência e nos perdoei por qualquer que tenha sido nossa ofensa original.

6. EXPOSIÇÃO “MARANATA”



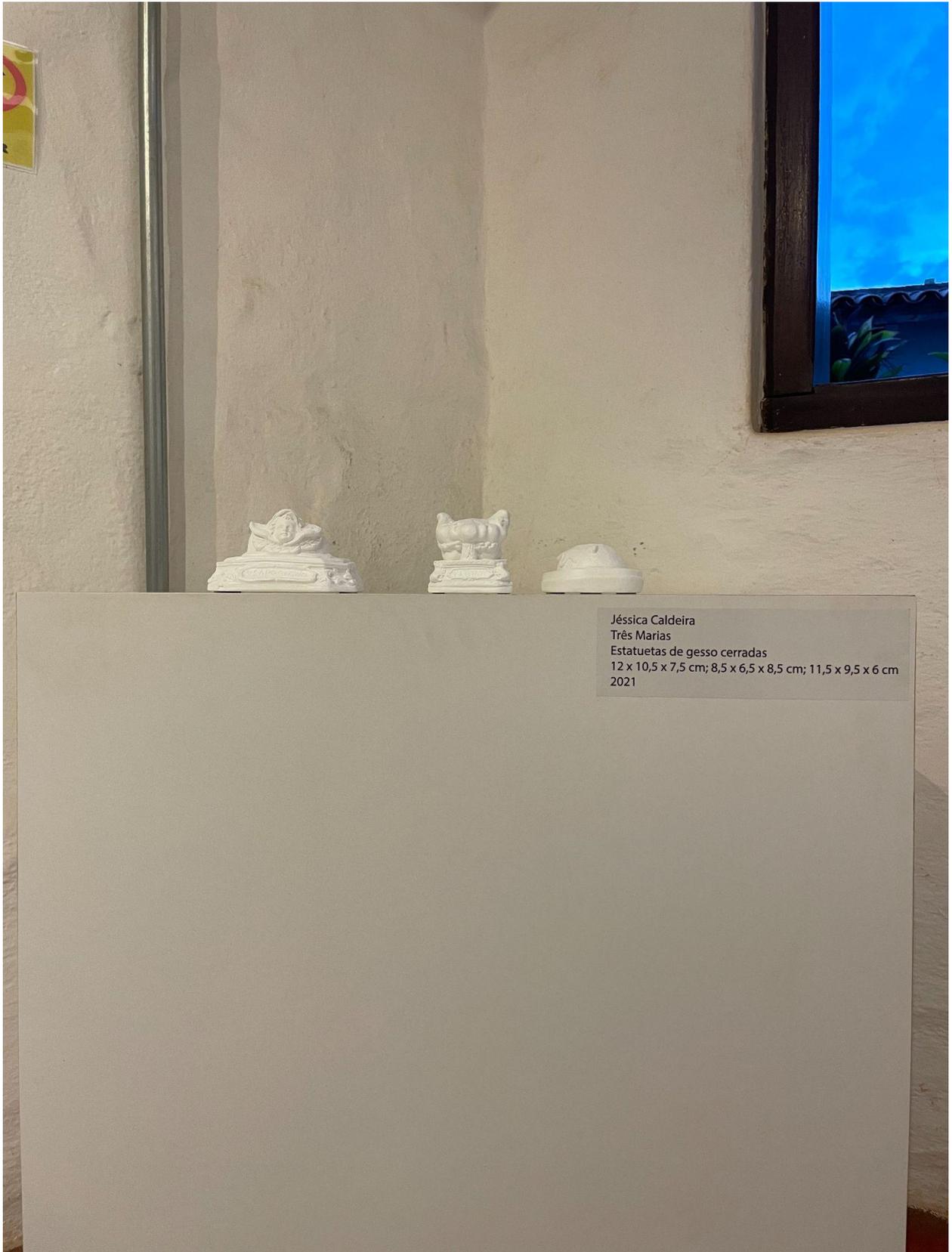
Figura 29: Acervo pessoal. Exposição “Maranata” I, 2021.

Maranata

Jéssica Caldeira



Figura 30: Acervo pessoal. Exposição “Maranata” II, 2021.



Jéssica Caldeira
Três Marias
Estatuetas de gesso cerradas
12 x 10,5 x 7,5 cm; 8,5 x 6,5 x 8,5 cm; 11,5 x 9,5 x 6 cm
2021

Figura 31: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" III, 2021.



Figura 32: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" IV, 2021.



Figura 33: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" V, 2021.



Figura 34: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" VI, 2021.

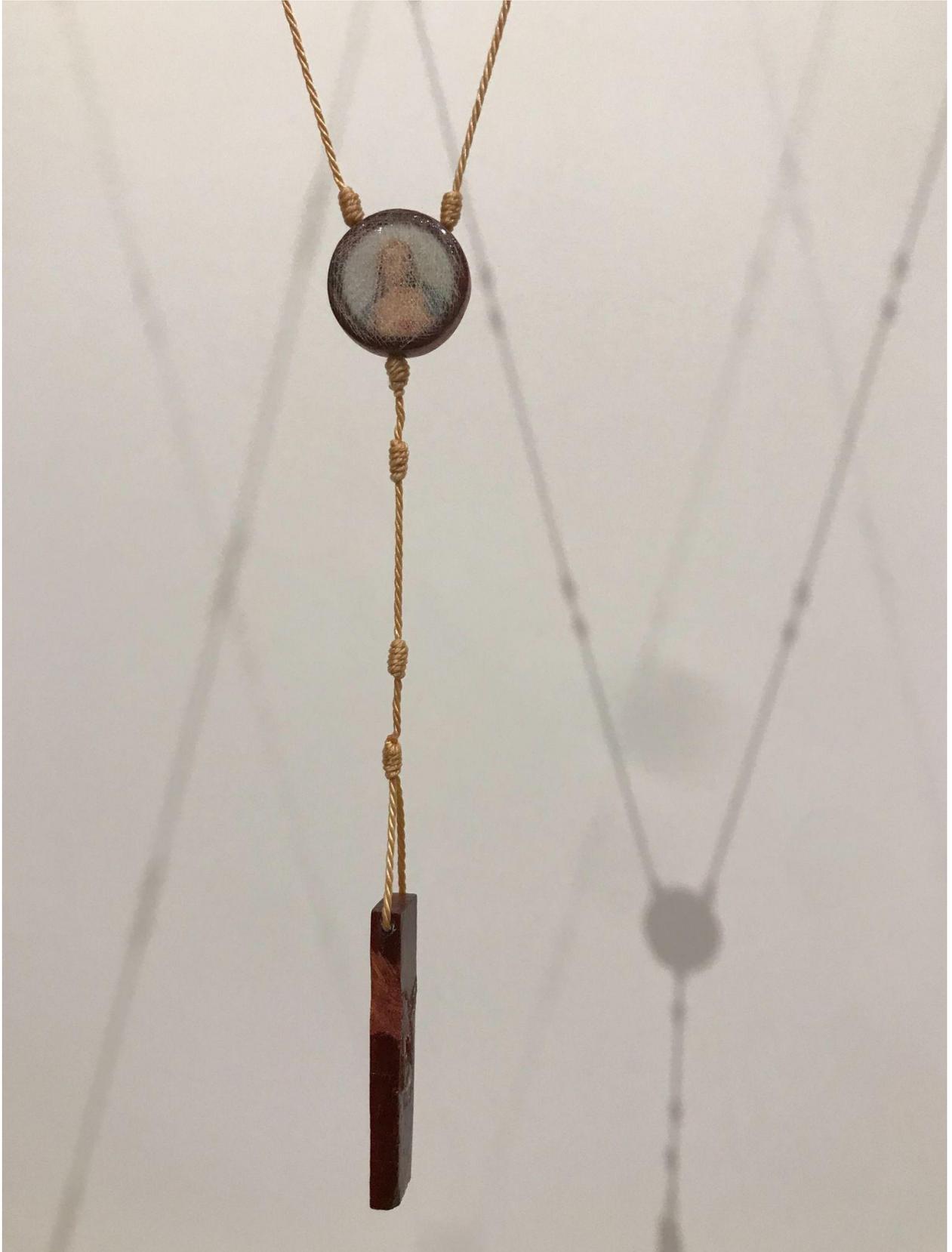


Figura 35: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" VII, 2021.



Figura 36: Acervo pessoal. Exposição “Maranata” VIII, 2021.



Figura 37: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" IX, 2021.



Figura 38: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" X, 2021.



Figura 39: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" XI, 2021.

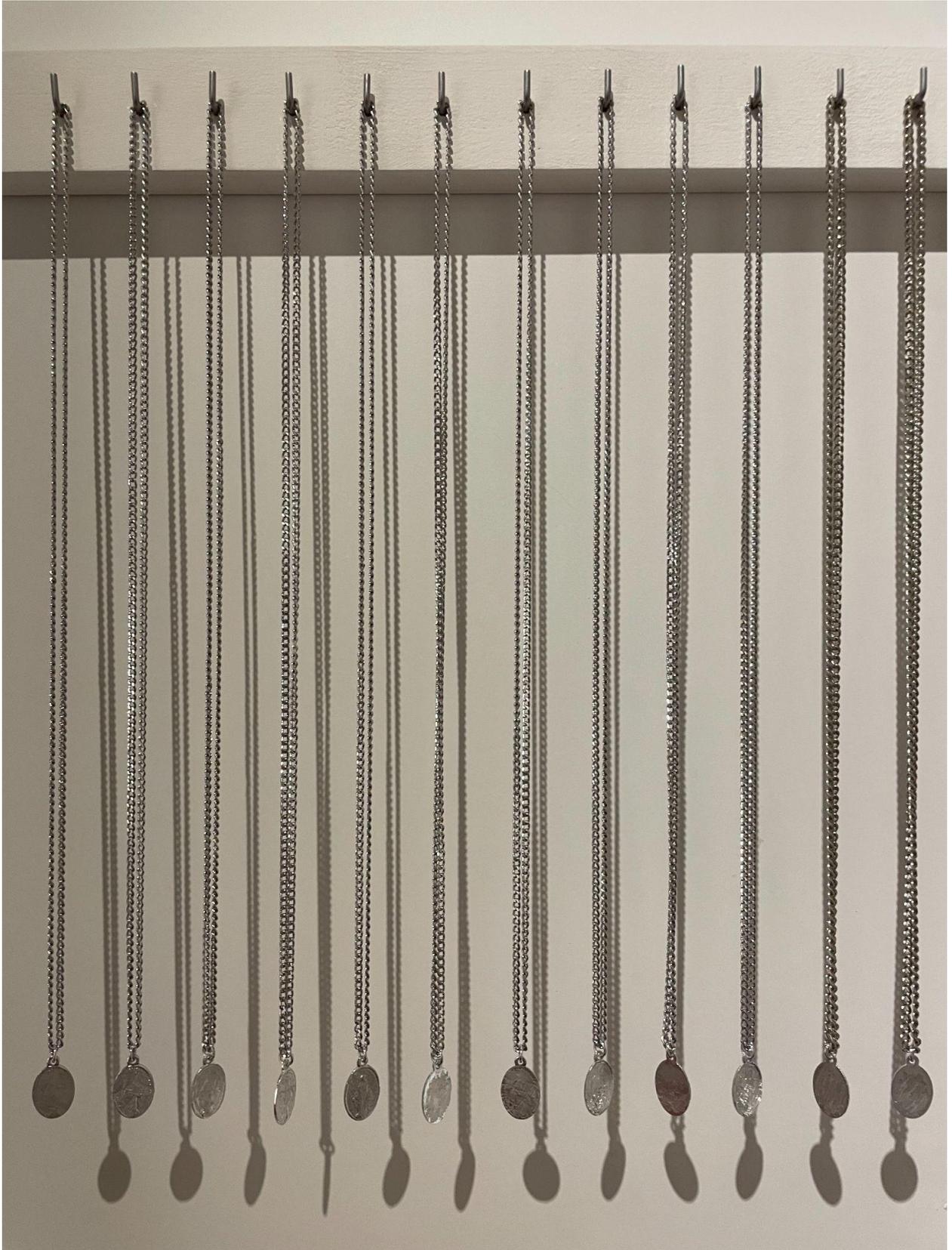


Figura 40: Acervo pessoal. Exposição "Maranata" XII, 2021.



Figura 41: Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XIII, 2021.

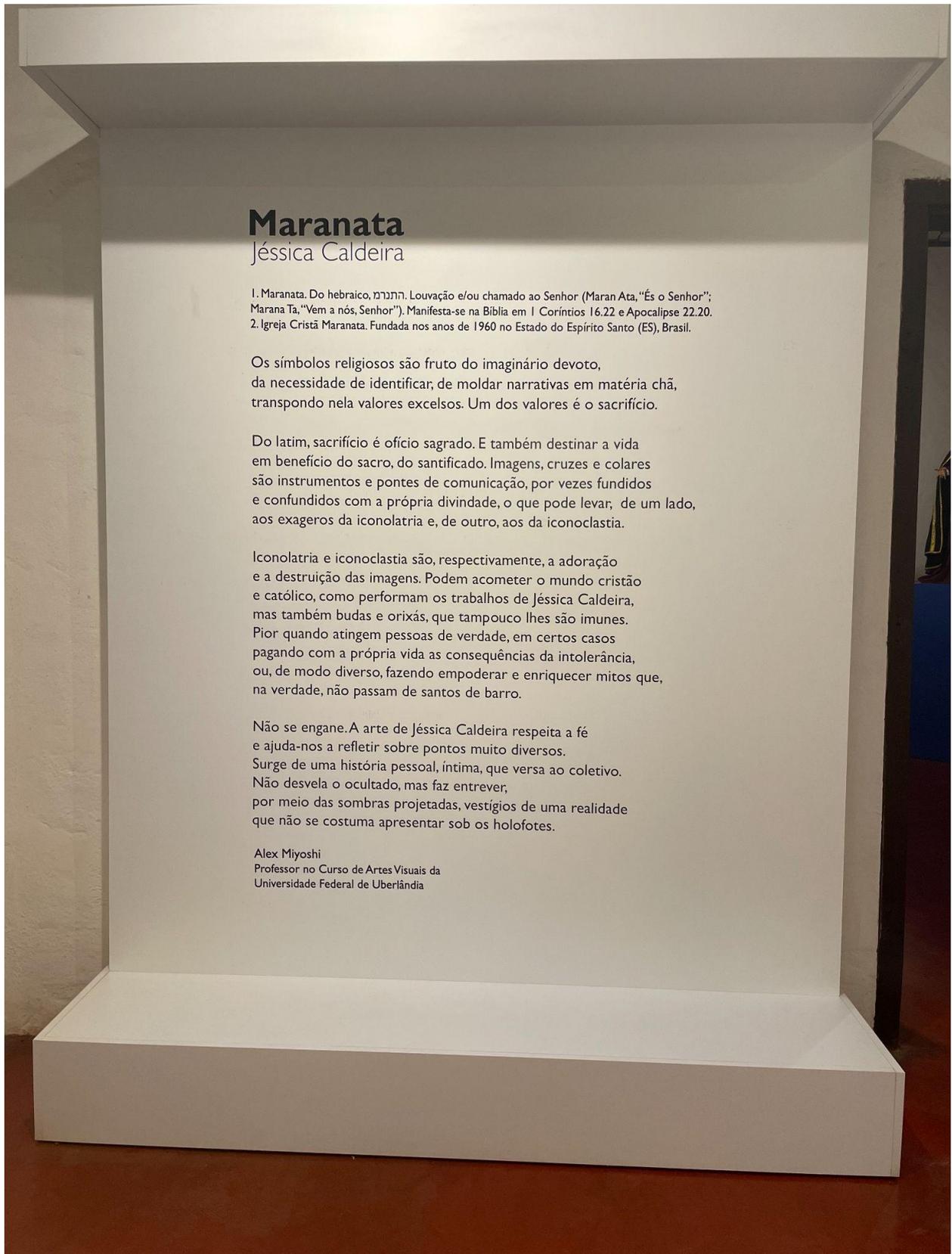


Figura 42: Acervo pessoal. Exposição “Maranata” XIV, 2021.

7. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRES Serrano (b. 1950) Piss Christ, Christies, s.d. Disponível em: <<https://www.christies.com/en/lot/lot-5070403>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

BARROS, Edu de. **INFO | BIO**, EDU DE BARROS, Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <<https://www.edudebarros.com/bio>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

DENSON, G. Roger. **How Andres Serrano's Piss Christ Reconciles Nature and Civilization**, Huffpost, 6 de dez. de 2017. Disponível em: <https://www.huffpost.com/entry/andres-serranos-piss-chri_b_852601>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

HÁ 25 anos, bispo da Universal dava chute na santa e chocava o país. NaTelinha UOL, São Paulo, 12 de out. de 2020. Disponível em: <<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/10/12/ha-25-anos-bispo-da-universal-dava-chute-na-santa-e-chocava-o-pais-152378.php>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

LAZZARIN, Ariel Luís. **A Igreja Espírito Santo do Cerrado e suas alternativas à arquitetura brasileira**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.

MOMA Highlights: 375 Works from The Museum of Modern Art. MoMA, New York, 2019. Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/283373>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

MORAES, Camila. **Léon Ferrari, o artista argentino que irritou o Papa, está em cartaz no MASP**. El País, São Paulo, 23 de out. de 2015. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/23/cultura/1445626155_473657.html>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

PASCHOLATI, Aline. **Obra de arte da semana: "Piss Christ" de Andres Serrano**, Artrianon, 7 de maio de 2019. Disponível em: <<https://artrianon.com/2019/05/07/obra-de-arte-da-semana-piss-christ-de-andres-serrano/>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

TOUCHOFART. **Chris Ofili | Artista do Mês | Outubro de 2017**, Touch Of Class, 06 de nov. de 2017. Disponível em: <<http://www.touchofclass.com.br/index.php/2017/11/06/chris-ofili-artista-do-mes-outubro-de-2017/>>. Acesso em: 27 de out. de 2021.

VAREJÃO, Adriana; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Pérola imperfeita: A história e as histórias na obra de Adriana Varejão**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.

YOUNG, Fernanda. **Posso pedir perdão, só não posso deixar de pecar**. São Paulo: LeYa, 2019.